

O ANO DE 1641

(Drama em Três Actos)

Miguel Rovisco

1987

311

DGE

Museu Nacional do Teatro
BIBLIOTECA

Dedico esta obra ao actor Mário Viegas:

— Sem a tua jovialidade, ela não teria sido escrita.

PERSONAGENS

António Garcia, secretário

D.Rodrigo Machado, secretário real

Ananás, escravo negro

Luis Pereira de Barros

Conde de Armamar

Estalajadeiro

Comandante

Um empregado do Paço

Rainha D.Luisa de Gusmão

Gabriela, uma escrava negra

Uma dama

Criadas, guardas, soldados.

Portugal, ano de 1641

PRIMEIRO ACTO

CENA I

O gabinete de D. Rodrigo Machado no Paço Real.

À esquerda uma porta fechada. À direita uma porta entreaberta. Na parede do fundo duas grandes janelas abertas de par em par.

António Garcia está sentado a uma pequena secretária no canto direito; sobre o tampo vêem-se tinteiros, várias penas de escrever e folhas de papel amarrotadas em bolas.

Existe uma segunda secretária — grande e colocada no centro esquerdo — com um tinteiro e uma pena sobre o tampo lustroso. Meio sentado no tampo, meio encostado a esta secretária, está Ananás. Vestido cuidadosamente com roupas de cores garridas, o escravo vai trincando uma maçã com desinteresse e visível calor.

António Garcia, com as suas roupas num desleixo pardacento, tem suspensa na mão uma pena de escrever e escuta atentamente as vozes que se ouvem de fora — mas não vindas das janelas.

Vozes ao longe: "Traidores ! Vendidos aos espa... fora ! A força ! A força !... aos espanhóis ! El-rei..."

António (Muito atento, coçando com a ponta da pena a cabeça de cabelos curtos e despenteados. Para o escravo, pedindo silêncio.) ■ Pxiu !

Ananás (Com indolência.) Hum ?

António - Pxiu !

Ananas - -Que é, rapaz ?

Antonio (Com um embaraço tímido.) Menos barulho a mastigar...

Ananas (Insolente.) Ora !

Vozes: "As carruagens ! As carruagens dos traidores ! Abaixo... o rei..."

Ananas - As cenas do costume, hum ! Não têm calor, eles... - tu não tens calor, rapaz ? (Acabando de trincar a maçã.) Um país de selvagens ! (Atira o caroço por uma janela.)

Antonio (Nervoso, meio erguido na sua cadeira.) El-rei... (Benze-se.) Que dizem eles de Sua Majestade ?

Ananas (Acostumado.) Um santo, um salvador, Deus o abençoe...

Vozes furiosas: "À morte !!"

Ananás (Continuando.) ...e à morte bispos e fidalgos.

António (Sentando-se.) Têm muita razão. Toda. Mortos.

Ananas (Surpreendido.) Eh, está excitado o rapaz !

Antonio (Atrapalhado.) Não sou rapaz ! Sou português e o meu rei... - por ele daria a vida.

Ananas (Olhando atentamente para o secretário.) E cora que nem uma donzela, depois de dar a vida pelo soberano !

Antonio (Furioso, agarrando-se ao tampo da secretária.) Negro !

Ananas (Encolhendo os ombros.) Retinto: o único português civilizado - eu e a Gabriela. A coitadíssima...

Antonio (Para si.) ... negro, negro, negro...

Ananas (Continua.) ...obrigada pela rainha a alargar os sapatos para os seus reais pés.

Antonio - Escravo !

✓ Ananas - Não trocaria pelos teus os punhos da minha camisa... - rapaz, tens caspa nos ombros. (Aproxima-se dele.) O cabelo cheio de caspa: tu não te lavas. Nós os negros molha-

mos o nosso corpo na água uma vez por semana para não cheirarmos mal: uma vida regalada, a escravatura neste país !

Antonio (Novamente atento ao que se passa lá fora.) Pxiu, deixa ouvir !

Ananas (Passando as mãos pelos ombros do secretário.) Caspa, caspa, caspa...

Antonio - Quietos ! (Tem um gesto infeliz para se livrar do escravo, atirando sem querer um dos tinteiros ao chão. A tinta espalha-se.)

Ananas - Se o Dom Secretário vê o seu gabinete salpicado de tinta...

Antonio (Ajoelha-se apanhando o tinteiro.) Basta !!

Ananas (Cruelmente trocista.) Escravinho...?

Pausa.

Voz de homem, vinda de fora: "Calma ! O povo está calmo. Escutai as minhas palavras !... rancores como este apenas prejudicam a liberdade recém-conquistada. Sossegai-vos !"

António, tendo tirado um pano de uma gaveta da secretária, começa a limpar a tinta do chão. Percebe-se que chora.

Algumas vozes: "Os traidores..." A voz de homem interrompe-as com firmeza: "Sua Majestade promete-vos solenemente que nenhum traidor ficará impune. Aquele que agir contra os interesses da pátria, seja nobre ou de condição..."

Ananas (Agarrando António por uma orelha.) Ó rapaz, tu estás a chorar ? (Não obtém resposta.) Olha que pena ! Limpa, vá, a porcaria que fizeste... — és um homem livre ? No teu lugar, faria queixa de mim ao Dom Secretário: o preto fez chorar o branco... (Puxando-o com violência pela orelha.) Mas escuta: se eu souber que tu me acusaste seja a quem for, garanto que te pego a uma esquina e desfaço-te a cara com este ! (Mostra-lhe o punho cerrado.) Hum, ouviste ? Ouviste ou quê ? (Larga-o.)

António, sem chorar mais, levanta-se e guarda o pano na gaveta.

Sem se dar conta do que faz, limpa as mãos sujas de tinta ao casaco que tem vestido. Depois senta-se à secretária.

Pausa longa.

Nada se ouve de fora.

Ananas - Parece que eles sossegaram. A terceira vez em quinze dias que esse povolêu quer irromper pelo palácio dentro, ao que parece. Há sempre quem o faça mudar de ideias... - melhor assim. O homem do povo não sabe dar valor a um escravo; acaso um taberneiro teria a delicadeza de lavar-me todas as semanas ?

Antonio (Passando as mãos sujas pelo rosto. Com voz fraca.) Não ouvi nada do que se passou depois.

Ananas - O costume, rapaz, sempre o costume ! (Pausa breve.) Mesmo no dia 1 de Dezembro, em Lisboa, que se fez para comemorar a restauração da independência ? Evidentemente; saiu à rua a procissão do costume, houve um "viva !" aqui, outro além - um louco perguntando a outro louco o que por costume todos os loucos se perguntam: "Amanhã terá valido a pena o dia de hoje ?" Grande liberdade ! (Vai até à porta da direita, que está entreaberta, espreita para fora e recomeça a passear pelo gabinete.) Quando a notícia dos acontecimentos na capital chegou a Vila Viçosa, o duque de Bragança - o teu rei... - foi-se ajoelhar na capela: agora eu duvido se ele estaria a pedir para que sim ou para que não...

Antonio (Ousadamente.) Um homem devoto. Foi certamente agradecer...

Ananás - Quem o duvida ? Cinco dias depois já ele entrava em Lisboa - o duque que sempre fora um indeciso, com os seus vagares... tanta pressa ! Cá para nós, houve quem afirmasse - ■ um louco terá segredado a outro louco - que ele se apressou desse modo na esperança tão portuguesa de chegar à capital cinco dias antes da sua partida - para oferecer os ■■ prés-
tímos ao governo de el-rei Filipe, ainda na madrugada do primeiro de Dezembro !

Antonio (Enérgico.) Falso !

Ananás (Trocando as palavras.) Um homem complexo - mas daí a acusá-lo de falsidade...

— Antonio - Isso que contas é falso !

Ananas - Julga-se o único patriota, o nosso rapaz ! (Pausa breve.) Depois ~~se~~^aclamaram-no rei ... a mim, se me aclamassem rei, eu também seria rei. Ele pensou como eu. Um oportunista. (De novo vai até à porta da direita, espreitando.) Tu nunca o viste ?

António - A Sua Majestade ? (Tristemente.) Nunca. (Benzendo-se.) Deus salve o vigésimo primeiro soberano de Portugal, D.João IV... - estou com o casaco sujo. E não tenho outro... Deus o salve. Eu só entrei na capital quando veio a rainha, mais o príncipe e as infantas: fazia parte da comitiva lá para o fundo... (Gesto vago.) No dia vinte e seis de Dezembro de mil seiscentos e quarenta. Pela primeira vez, isto era a tal Lisboa.

Ananas (Trocista, apontando pelas janelas.) Coisa enorme !

António - Mas nunca vi a cara do meu salvador. Não calhou.

Ananas - Eu já por cá andava antes de Dezembro passado: nasci e criei-me entre estas paredes, por isso não me enganam facilmente com as suas facilidades. Mudou a cabeça na coroa mas nem tudo mudou. Não mudou quase nada. A liberdade não depende de quem, mas de como. Continuamos todos espanhóis, mas agora mentimos ~~com a mesma liberdade~~: "Viva Portugal !"
Muito sérios

António (Sem se conter.) Negro !

Ananas - Escravo, rapaz...

Antonio (Depois de um tempo.) Se eu fosse escravo, talvez já tivesse visto o rei. Cara a cara.

Ananas - Assim com essa caspa nos ombros...

Antonio - Mas eu hei-de vê-lo nem que seja uma só vez. Nem que seja para morrer de seguida.

Ananas - Já me contaste: queres dar a vida pelo vigésimo primeiro - cada um...

António - Sim, morrer pela pátria !

Ananás - ... cada um lá sabe como esconder a sua covardia. (Perto da secretária do outro, o-